

Theatro Moderno

# LUSO-BRASILEIRO

Collecção de comedias, dramas e  
scenas comicas

---

N. 3

## O DOUTOR GRAMMA

Comedia em 2 actos

A VENDA

Na livraria de Cruz Coutinho — editor

75 rua de S. José 75

A' VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO, RUA DE S. JOSÉ  
N. 75. — RIO DE JANEIRO.

LACERDA. Cynismo, scepticismo e crença, comedia-drama.

» Homens do mar, drama em 3 actos.

» Mystérios sociaes, comedia em 4 actos.

DR. PINHEIRO GUIMARÃES. Historia d'uma moça rica, drama.

» » » Punição, com o retrato do autor.

CORRÊA VASQUES. Scenas comicas.

PENNA. O Noviço, comedia em 3 actos.

» Quem casa quer casa, comedia em 1 acto.

» O Caixeiro da taberna, comedia em 1 acto.

» O Judas em sabbado d'alleluia, comedia em 1 acto.

» O Juiz de paz da roça, comedia em 1 acto.

Os Voluntarios da honra, comedia-drama em 2 actos.

A Viuva do meu amigo, comedia em 1 acto.

Meia hora de cynismo, comedia em 1 acto.

Remissão de peccados, nova comedia do Dr. Macedo.

Mysterios do Alcazar, drama brasileiro em 5 actos.

Poder do ouro, drama em 4 actos.

José do Telhado, drama em 5 actos.

A Morgadinha de Val-flôr, drama em 5 actos.

Abel e Caím, comedia de Mendes Leal, em 3 actos.

Pedro, drama de Mendes Leal em 5 actos.

A Negação da familia, drama em 4 actos.

Alvaro da Cunha ou O Cavalleiro de Alcacerquibir, drama.

O Escravo fiel, drama em 5 actos.

O Club Goodison, comedia em 1 acto.

Faz-me favor do seu fogo? scena dramatica de F. X. de  
Novaes.

Os Mineiros da desgraça, drama em 4 actos.

# O DOUTOR GRAMMA

COMEDIA EM 2 ACTOS

PERSONAGENS

GRAMMA  
RUIZ DAS DORES  
SERAPIÃO  
TOMÁS  
VICENTE MAMIFE  
JACINTO  
CYRILANO  
ANTONIO  
UM ESTADO DE HOSPITALIDADE  
AMÉLIA  
CAROLINA

Segunda edição



RIO DE JANEIRO

Na livraria de Cruz Coutinho—editor

75 rua de S. José 75

1870

PERSONAGENS

GRAMMA . . . . .	Hervanario.
RUFINO DAS DORES . . . . .	Moço do ganho.
SERAPIÃO BEXIGA . . . . .	Seu primo, 50 annos.
TIMOTHEO JANUARIO . . . . .	Idem, 75 annos.
VICENTE MAMEDE . . . . .	Idem, 40 annos.
JACINTHO . . . . .	Estudante.
CYPRIANO . . . . .	Porteiro.
ANTONIO . . . . .	Musico.
UM CRIADO da hospedaria	
AMELIA . . . . .	Mulher de Vicente Mamede.
CAROLINA . . . . .	Filha de Serapião Bexiga.

Musicos, etc.

A scena passa-se em Lisboa.

# O Doutor Gramma

Comedia em 2 actos

---

## ACTO PRIMEIRO

O theatro representa uma rua de Lisboa. A' esquerda do espectador, o palacio do barão do Valle. A' direita uma casa com o distico: *Hospedaria da Borboleta*. No 1º andar uma janella praticavel, fazendo face para o publico. No fundo, outra casa, na qual se lê: *Hospedaria da Estrella*. Um banco de pedra á entrada da porta d'esta hospedaria.

### SCENA I

JUSTINO, depois CAROLINA, em seguida JACINTHO.

(Ao levantar do pano, vem amanhecendo. RUFINO engraxa botas ao pé do palacio do barão. Perto d'elle estão um assento e uma forquilha de carregar ás costas).

RUFINO. (*Cantando*)

Vi teus olhos n'estas botas,  
Tra, la, la, ra, la, tra, la.

Diabo das botas! por mais que lhes queira dar lustro, é como se estivesse a engraxar velas de sebo!

CAROLINA. (*Apparecendo á janella da hospedaria*) Vai já aclarando o dia, e nem viva alma pela rua! Sempre se levantão muito tarde em Lisboa! Eu, como estou aqui só desde hontem, não pude pregar olho; estou a arder por ver a cidade.

JACINTHO. (*Que entrou pelo fundo á direita*) Deve ser aqui. Sim, a *Hospedaria da Estrella*. (*Vendo Carolina*) Mas, não me engano... é ella! (*Subindo ao banco de pedra e chamando*) Menina Carolina!

CAROLINA. Que vejo! E' o Sr. Jacintho!

JACINTHO. Eu mesmo.

RUFINO. (*A'parte*) Olha que encontro este!

CAROLINA. Então foi por acaso...

JACINTHO. Perdão, se a interrompo. Não foi por acaso; quando sube que a menina tinha partido, puz-me a caminho tambem.

CAROLINA. Pois deixou o Cartaxo para me seguir?

RUFINO. (*A'parte*) O Cartaxo! Elles são do Cartaxo, da minha patria.

JACINTHO. Sim, menina Carolina, segui-a... e segui-a-hei até ao fim do mundo; vá ao fim do mundo e verá.

CAROLINA. Ah! Sr. Jacintho, mas é preciso reflectir...

JACINTHO. Perdão, se a interrompo. Eu sabia que a menina estava aqui, na *Hospedaria da Estrella*, e fui alojar-me aqui perto, na hospedaria da esquina.

CAROLINA. Mas para que! faz favor de me dizer?

JACINTHO. Eu é que devo perguntar-lhe porque veio a Lisboa com o seu papá!

RUFINO. Estas conversas de namorados são sempre o dize tu, direi eu, mais enjoativo de que tenho noticia.

CAROLINA. Ah! Sr. Jacintho, meu pai trouxe-me a Lisboa para me casar com um medico velho; quer absolutamente...

JACINTHO. Perdão, se a interrompo. Isso porém, não ha de ser assim... tenho um meio de me introduzir hoje mesmo ao pé da menina.

CAROLINA. Olhe que meu pai é capaz de não lhe apparecer.

JACINTHO. Ha de apparecer-me por força. Estou encarregado de lhe entregar uma mala, por parte de sua esposa, contendo varios objectos, e tem a direcção ao Sr. Serapião Bexiga.

RUFINO. (*A'parte*) Serapião Bexiga, do Cartaxo!

CAROLINA. Ouço bulha; está meu pai levantado. Adeos, Sr. Jacintho.

JACINTHO. Olhe, menina, ouça mais uma palavrinha.

CAROLINA. Diga.

JACINTHO. Apanhe lá este beijo, e adeosinho.

CAROLINA. Adeos. (*Entra e fecha a janella*)

JACINTHO. (*Descendo do banco*) Foi-se... já lá não está. Adeos! volto para a hospedaria. (*Envia-lhe mais um beijo*)

RUFINO. O' patrão, precisa um moço de recados para lhe levar esse beijo? (Só) Serapião Bexiga, do Cartaxo! . . . Tenho um primo d'este nome, e d'esta terra! ha de ser elle, porque lá não ha outro; é aquelle mesmo, já é mais que sufficiente. (*Affasta-se pelo primeiro plano, levando um par de botas*)

## SCENA II

RUFINO, GRAMMA *trazendo uma mala*, ANTONIO, e músicos de Gramma com seus instrumentos. *Teem sido expulsos da hospedaria, onde houve tumulto.*

### CORO

Oh que vil affronta,  
Pôrem-nos na rua?  
Que casa de doudos!  
Estão com a lua!

GRAMMA. (*Depondo a sua mala no chão á direita*) Com mil diabos, senhores, tenho morado em muito boas casas, e nunca me puzeram na rua!

ANTONIO. Mas o senhor não pagou!

GRAMMA. Eu paguei n'esta casa, como nas outras.

ANTONIO. Ora aqui estamos nós na rua!

GRAMMA. Camaradas! haja valor! eu tinha cá o plano de comprar uma casa; mas é cousa que não deixa nada.

ANTONIO. Comprar uma casa? O que o senhor deve fazer, é pagar o que nos deve.

GRAMMA. E' justo. Devo-lhes muitos agradecimentos; dou-lh'os agora.

ANTONIO. Deve-nos seis mezes de ordenado.

GRAMMA. Ordenado! Que termos são esses?

ANTONIO. O senhor cuida que a gente vive do ar?

GRAMMA. E' o sustento que existe em mais abundancia; ha para todos.

ANTONIO. Não se trata d'isso; é pagar-nos já.

TODOS. Venha dinheiro, venha dinheiro.

GRAMMA. Não gritem! O que querem? é dinheiro? isso não me causa o mais pequeno embaraço. Peguem lá dous patacos.

ANTONIO. Que havemos de tomar com dous patacos?

GRAMMA. Podem tomar um capilé; tomem o que quizerem! Eu vou a casa dos meus devedores e já aqui venho.

ANTONIO. Não se demore, senão temol-a travada. *(Sobem com os musicos)*

GRAMMA. Julgava-os artistas... mas agora vejo que não paixão de instrumentos. Safa! Custou-me a ver livre d'elles!

### SCENA III

RUFINO e GRAMMA.

RUFINO. *(Engraxando, e muito zangado)* E

então, não cortei uma bota sem reparar! tenho que as pagar! O diabo leve a mim e as botas. (*Atira com a bota*)

GRAMMA. Tenho grande precisão de embaçar alguém. (*Passeia gesticulando*)

RUFINO. Ha certas occasiões em que um homem é capaz de dar açoutes no avô. (*Põe-se a passear e encontra-se com Gramma*)

GRAMMA. (*Encontrando-se com Rufino*) Você não vê?

RUFINO. Nem você, sô animal?

GRAMMA. (*Ameaçando-o*) Eim? Você quer...

RUFINO. (*O mesmo*) Venha para cá, que eu o arranjo! (*Jogão o soco*)

GRAMMA. Eu já te vi, seja lá onde fôr.

RUFINO. Tambem eu a modo que te conheço.

GRAMMA. E' o Rufino!

RUFINO. E' o Dr. Gramma!

GRAMMA. O' meu rico patusco! (*Abração-se*)

RUFINO. Ainda bem!

GRAMMA. O' amizade! Santa amizade!... Tens um pinto que me emprestes?

RUFINO. Ia pedir-te uma de doze.

GRAMMA. Quem me dera poder tel-a! guardava-a para mim!

RUFINO. Sempre na mesma! Quem te vio, como eu, n'uma carruagem tão bonita!

GRAMMA. Então que queres? Não era minha... não tive mais remedio senão vendel-a.

RUFINO. Então o chá da Suissa rende pouco, eim?

GRAMMA. Isso já não dá vintem! a homœopathia deitou-me tudo a perder! Renuncio a medicina, e ando com idéas de aprender a tocar piano.

RUFINO. Já que estás em Lisboa, não haverá remedio senão ir-te visitar; onde moras tu?

GRAMMA. (*Subindo a scena*) Onde moro?... estou em minha casa.

RUFINO. Eim? aqui! na rua?

GRAMMA. Occupo esta sobreloja, que é muito rente do chão.

RUFINO. Aposto que te puzerão fóra da casa onde moravas?

GRAMMA. Qual! aproveitarão o momento em que eu ia sahindo, para fecharem a porta por uma vez; ficarão-me com a bagagem, e deixarão-me só esta mala, que tem dentro plantas exóticas e preciosas, e um livrito intitulado — *Arte de furtar*, pelo padre Antonio Vieira. Isto tudo não vale uma de seis!

RUFINO. Eu offerencia-te de boa vontade a minha casa... mas era preciso que a tivesse; moro n'um cubiculo, onde não cabe mais do que uma pessoa, e é necessario não se alargar.

GRAMMA. Estamos bonitos, não tem duvida! O' Rufino, mas eu conheci-te no Cartaxo ainda assim tem-te não caias!...

RUFINO. Foi o amor que me perdeu.

GRAMMA. O amor!... Conta-me lá esse sermão de lagrimas.

RUFINO. Era linda como um anjo! e chama-  
va-se Amelia... Vel-a... e amal-a...

GRAMMA. Qual mala?... esta?

RUFINO. E grangear seu amor, foi tudo obra  
de poucos mezes. Pedi-a em casamento; mas os  
parentes, em consequencia de eu não ser rico...  
percebes, eim?... o dinheiro... sempre o di-  
nheiro!...

GRAMMA. Ah! O dinheiro é o espirito do se-  
culo!... é espirito que eu nunca tive.

RUFINO. Ah! disse-lhes eu, querem que seja  
rico? Pois juro adquirir fortuna dentro em pouco  
tempo! confio no meu talento.

GRAMMA. Tu tinhas talento? Ninguem tal  
ha de dizer!

RUFINO. Sabia correr por cima do gelo ma-  
ravilhosamente.

GRAMMA. Oh!... A's vezes vai-se muito lon-  
ge... a correr,

RUFINO. Resolvi introduzir em Portugal uma  
nova invenção minha... inteiramente minha.  
Como eu tinha um pequeno patrimonio, ven-  
di-o por uma bagatella; e, munido com esses  
tantos réis, parti para o Brasil.

GRAMMA. Oh! que ratão!

RUFINO. Logo que cheguei, sube que o clima  
ali é muito quente... Já se sabe, d'inverno é  
frio; mas nunca ha gelo lá n'aquelles sitiosi-  
nhos.

GRAMMA. Já não ha gelo em parte nenhuma;  
passou já a moda.

RUFINO. Vi-me na collisão de voltar para Lisboa; e, como já tinha pouco dinheiro, ganhei alguma cousa durante a viagem por engraxar as botas dos passageiros.

GRAMMA. Havião de ficar boas!

RUFINO. Excellentes! Engraxo maravilhosamente! Quando cheguei, cravárão-me no peito uma noticia peor do que um punhal. Amelia casára!

GRAMMA. Era de esperar.

RUFINO. Mas, casou com quem?... com o meu primo Vicente! com um homem que tem por appellido — Mamede!

GRAMMA. Tu tens um primo, eim? (*Levantão-se, e poem o assento no seu lugar. Gramma põe a sua mala á esquerda do assento*)

RUFINO. Tenho tres.

GRAMMA. Está feito! tu, mesmo assim, não estás de todo mal! Tem algum vintemzito os primitos?

RUFINO. São as primeiras capacidades do Cartaxo.

GRAMMA. Oh! com mil demonios! estás um heróe! Olha lá, ó Rufino, tu não és tolo; mas eu sou menos tolo ainda do que tu: queres associar-te comigo? ser tudo commum entre nós?

RUFINO. Isso era bom se tivéssemos o tudo; mas é que não temos nada.

GRAMMA. Não digas tal; eu tenho talento e tu tens parentes! São dous ingredientes de mão cheia! é o nosso fundo social. Valeu?

RUFINO. Valeu.

GRAMMA. (*Dando-lhe a mão*) Toca; a união faz a força! Fraternidade!

RUFINO. (*O mesmo*) Fraternidade!

GRAMMA. Agora, diz-me alguma coisa a respeito dos primos.

RUFINO. São uns somíticos... uns tratantes insuportáveis! Vê tu; para eu preferir a voltar para lá, andar cá por Lisboa, vivendo de dar recados e engraxando botas ali para a hospedaria, fazes idéa!... Elles cuidão que estou ainda no Brasil.

GRAMMA. Bello! famoso!

RUFINO. Mas ainda agora sube uma coisa que me desagradou; um dos primos está em Lisboa.

GRAMMA. Deixa-o estar; melhor.

RUFINO. O Serapião Bexiga! Todos os meus primos são estupidos; mas aquelle é o mais estúpido de todos!

GRAMMA. E' preciso ir ter com elle; talvez te dê alguma coisa.

RUFINO. Qual dá!... conheço-o como os meus dedos; não me dá nada.

GRAMMA. Se não te der nada, não aceitas. Onde mora elle?

RUFINO. Ali, na *Hospedaria da Estrella*.

GRAMMA. Espera; abre-se a porta.

RUFINO. Olha, é elle mesmo mais a filha.

GRAMMA. Atira-te a elle; deixo-te a esse rato para o fazeres cahir na ratoeira. (*Sahe pelo primeiro plano d esquerda*)

SCENA IV

RUFINO, SERAPIÃO e CAROLINA, *sahindo da Hospedaria da Borboleta.*

CAROLINA. (*Sahindo*) Oh! papá, mas para que sahimos nós tão cedo?

SERAPIÃO. Eu sei cá... tu é que me atormentas desde hontem para veres a cidade.

CAROLINA. (*A'parte*) Não venha o Sr. Jacintho por ali, enquanto nós andarmos por fóra!

SERAPIÃO. Uma vez que estamos na rua, dá cá o braço. (*Sobem para a direita, e achão-se em frente de Rufino que os corteja muitas vezes*)

RUFINO. (*Fazendo muitas cortezias*) Muito bom dia, Sr. Bexiga; tem passado bem?

SERAPIÃO. (*A'parte, recuando*) Meu Deos! é uma alma do outro mundo!

RUFINO. Acaso não conhece já o seu primo Rufino?

SERAPIÃO. (*A'parte*) A minha vontade era não conhecê-lo!... Sem lenço ao pescoço!

CAROLINA. Que, papá!... pois é este o primo Rufino, que...

SERAPIÃO. Cala-te, menina.

RUFINO. Ah! primo, quem o vir ha de dizer que não estimou muito encontrar-me.

SERAPIÃO. Ora... eu não o suppunha em

Lisboa!... Porque deixou o Brasil? Dizem-me que se está por lá muito bem.

RUFINO. Mas é muito quente!... perdi tudo e voltei sem um vintem.

SERAPIÃO. E' o que acontece a quem é preguiçoso; trabalhe, meu amigo, trabalhe.

RUFINO. O que me falta não é trabalho, é dinheiro.

SERAPIÃO. Ah! falta-lhe dinheiro!... (*Baixo á filha*) Estou arrependido porque sahi tão cedo.

RUFINO. Que diz, primo?

SERAPIÃO. Digo que os preguiçosos... os extravagantes... os extravagantes... os preguiçosos... Enfim, você é meu parente... é uma d'aquellas chagas de familia... tome e tenha juizo. (*Dá-lhe dinheiro*) Vamos para casa, minha filha. (*Baixo*) Estou arrependido porque sahi tão cedo. (*Sobem a scena*)

RUFINO. (*Olhando para o que lhe deu Serapião*) Que diabo é isto! Trinta réis! Trinta réis! Trinta réis! (*Zangado*)

CAROLINA. Ah! papá!

SERAPIÃO. Cala-te, menina.

RUFINO. Trinta réis!... Devia-lhe atirar com elles á cara!

SERAPIÃO. Vadio! mandrião!... toma conta que te mando agarrar pela patrulha!... Vamos, minha filha; sahimos muito cedo. (*Entrão na hospedaria*)

SCENA V

RUFINO, depois GRAMMA em seguida CAROLINA.

RUFINO. Aqui está como são os parentes!... Se eu voltar outra vez ao mundo, hei de ver se escolho outra familia.

GRAMMA. (*Vindo do primeiro plano á esquerda*) Então o primo foi generoso?

RUFINO. (*Mostrando o dinheiro*) Olha!

GRAMMA. (*Agarrando o dinheiro*) Trinta réis! e tu aceitaste? parece impossivel. (*Mette-os na algibeira*)

RUFINO. O meu primo Bexiga não passa de um somitico, e ainda tenho outro mais somitico, o primo Januario, a quem vendi o meu patrimonio por dez réis de mel coado, e que, se o encontrar, não é capaz de me dar um bocado de pão!

CAROLINA. (*Sahindo ds escondidas da hospedaria*) Meu primo, ó meu primo!

RUFINO. Oh! é a priminha, o que é?

CAROLINA. (*Dando-lhe dinheiro*) Tome, aceite-me isto... é pouco, bem sei, mas se mais tivesse, mais lhe dava.

RUFINO. Que! dinheiro!... Oh! priminha, mas eu não sei se devo...

CAROLINA. Oh! não recuse... Adeos, porque se meu pai me visse... (*Entra na hospedaria*)

RUFINO. (*Seguindo-a*) Mas, ó prima...

DOUTOR GRAMMA

2

GRAMMA. (*Collocando-se entre elle e a porta*)  
O' pateta!... não sejas tolo!

RUFINO. Mas é que ella fica sem nenhum.

GRAMMA. Deixa-a ficar!... Com que direito podes tu impedir essa menina de fazer uma boa accção? é como se eu me oppuzesse a que tu a dividisses comigo; portar-me-ia mal.

RUFINO. E' justo, entre socios... Doze pintos, vem a ser cinco para cada um; toma-os lá.

GRAMMA. Espera; olha que eu cursei as aulas e estudei algebra: até agora a metade de doze sempre forão seis, mesmo a metade de dez rigorosamente...

RUFINO. Devia-se mudar isso; toma. (*Dá-lhe seis pintos*)

GRAMMA. Bella cousa!... tu comprehendes a fraternidade.

RUFINO. Que bom coração que tem esta priminha!

GRAMMA. Ora, enquanto se é moço, nunca se tem nada de seu. Tenho meus receios de ficar sempre moço.

## SCENA VI

GRAMMA, RUFINO, UM CRIADO da Hospedaria da Estrella, que chega do fundo.

CRIADO. (*A Rufino*) Rufino, o hospede do n.  
7 quer que você lhe vá fazer um recado.

RUFINO. Lá vou. Até logo, eim? (*Sae*)

GRAMMA. Até logo!... eu não saio d'aqui;

fico de guarda à casa. (Só) O caso é que isto assim não está bom! fazem-se tantos palácios, e eu não tenho nem o canto de uma cocheira! (Vendo Cypriano que vai para o palácio do barão do Valle) Olé! o tio Cypriano, o criado do barão do Valle!... Tirei-lhe um dente a semana passada... e talvez que possa... Bom dia, tio Cypriano!

SCENA VII

GRAMMA e CYPRIANO.

CYPRIANO. Ah! é o Dr. Gramma!... agora me lembro que lhe devo o dente que me estirpou no outro dia.

GRAMMA. Ora, não fallemos n'isso.

CYPRIANO. Nada, devo-lhe o dente... apesar que me fez doer deveras.

GRAMMA. Não tem que me agradecer.

CYPRIANO. (Indicando a hospedaria do fundo) Ainda mora ali?

GRAMMA. Nada, mudo-me; o senhorio queria augmentar a renda. Você é que é feliz, Sr. Cypriano!... tem casa, cama e mesa... é o paraíso!

CYPRIANO. Não é tanto como pensa... morro de aborrecimento! ando muito aborrecido.

GRAMMA. Eu cuidava que não era casado.

CYPRIANO. Antes o fosse... ao menos não viveria só, n'este immenso palácio.

GRAMMA. Pois está só?

CYPRIANO. Sim; o Sr. barão do Valle, meu amo, anda sempre viajando. Agora está elle na Italia, com os seus criados... os seus cavallos... com toda a familia.

GRAMMA. Ah! percebo. Está seu amo ausente, e o senhor está perfeitamente só na casa! Que tristeza!

CYPRIANO. E' verdade!... nem ao menos ter um gato com quem conversar.

GRAMMA. Por isso você está tão amarelo!... Deixe ver o pulso. (*Apalpa-lhe o pulso*)

CYPRIANO. Estarei eu doente?

GRAMMA. Um... um...

CYPRIANO. Como?

GRAMMA. Hei de salvá-o!... é meu doente, conheço os meus deveres. Levarei até ao sacrificio de ir morar na sua companhia.

CYPRIANO. Ah! Sr. doutor...

GRAMMA. Não tem nada que me agradecer... quero distrahir-o!... você tem amor ás artes? todos os criados amão as artes. Hei de levar-lhe músicos... ha de ter uma symphonia. Nós lhe tocaremos alguma cousa.

CYPRIANO. Não é que recuse... mas veja lá!

GRAMMA. Não tem nada que me agradecer... Tome lá tres pintos para comprar carne de porco e outras iguarias... Havemos de comer muito e ainda havemos de rir mais!... Veja lá não se esqueça do vinho.

CYPRIANO. Isso é objecto da primeira necessidade.

GRAMMA. Dentro em meia hora lá estaremos em casa.

CYPRIANO. E teremos um banquete muito grande.

GRAMMA. Não lhe esqueça o vinho.

CYPRIANO. Deos nos defenda. (*Entra no palacio*)

### SCENA VIII

GRAMMA, depois RUFINO.

GRAMMA. Bello, sô João de Mello! O criado aborrece-se, e o amo está na Italia. Havia de ter que rir se eu ficasse esta noite ao relento.

RUFINO. (*Cóm uma mala às costas*) O' Gramma, sabes para quem eu levo esta mala? para o primo Bexiga.

GRAMMA. (*Rodeando-o*) A malasita não é má.

RUFINO. E' vergonha para mim levar-lh'a, eim? Tambem ponho-lh'a no corredor e abalo com os cachimbos.

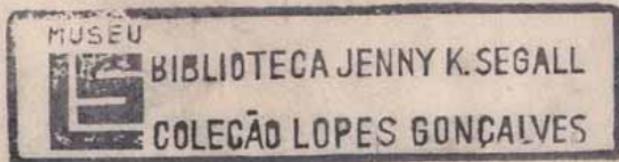
GRAMMA. Quem te encarregou d'isso?

RUFINO. Um sugeito que me disse que viesse andando adiante d'elle; pouco pôde tardar ahí.

GRAMMA. (*Rodeando-o ainda*) Que diabo terá ella dentro?

RUFINO. Diz que tem roupa branca, fato e não sei que mais.

GRAMMA. Não está direita; olha que te pôde cahir... eu te ajudo se queres. (*Agarra na mala e põe-a no chão á esquerda*)



RUFINO. Pois sim, mas avia-te que elle não tarda.

GRAMMA. (*Pegando na sua mala, põe-a aos hombros de Rufino*) Ah! está.

RUFINO. Ainda agora parecia-me mais pesada.

GRAMMA. E' que eu estabeleci-lhe o equilibrio.

### SCENA IX

OS MESMOS, JACINTHO *entrando pelo fundo á direita.*

JACINTHO. Ah! estava á minha espera? E' aqui, entre.

RUFINO. Sim, senhor, cá vou. (*Entrão ambos na hospedaria*)

GRAMMA. (*Olhando para a mala que trocou*) Isto é unicamente um empréstimosinho. (*Aos musicos que entrão*)

### SCENA X

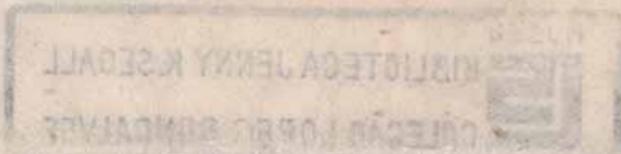
GRAMMA, ANTONIO, MUSICOS, e depois RUFINO.

ANTONIO e os MUSICOS *entrão do fundo, á esquerda.*

GRAMMA. (*Aos musicos*) Olé!... já de volta!... Então vamos a saber, meus queridissimos amigos, tomárão alguma cousa?

ANTONIO. Uma garrafita.

GRAMMA. Só uma?



ANTONIO. E ao senhor já lhe pagáráo, para nós pagar quanto antes?

GRAMMA. Filhos da musica!... já tratei de vossemecês.

ANTONIO. (*Cercando-o*) Ah! sim? (*Estendem as mãos*)

GRAMMA. Todo o fim da minha vida tem sido o melhoramento da humanidade!... Olhem para esse palacio! (*Indica o do barão do Valle*) Está-se lá preparando um banquete sumptuoso!... e eu levarei a benevolencia a ponto de não pôr duvida em me sentar á mesa ao lado de vossemecês.

ANTONIO. Um banquete n'aquelle palacio?

GRAMMA. Pertence a um amigo meu... Eu tenho excellentes amigos.

RUFINO. (*Sahindo da hospedaria*) Prompto! já lá está a mala.

GRAMMA. Olhem! fallar no mau... apparellhar o pau!... elle aqui está.

ANTONIO. Este?

RUFINO. Este que?

GRAMMA. Anda d'ahi, Rufino... tenho um grande plano... uma comedia em que tu has de fazer um dos principaes papeis! Vamos para a mesa, e lá fallaremos a este respeito.

RUFINO. Para a mesa! qual mesa?

GRAMMA. Silencio! (*Passando ao meio*) Cala a boca. (*Ouve-se ruido na hospedaria*) Ali ha barulho! (*A'parte*) Já abrirão a mala, é o que isto quer dizer. (*Alto*) Rapazes, quem é pandi-

go, salte para cá. *(Fazendo signal a Antonio para agarrar na mala. Entrão todos no palacio)*

SCENA XI

SERAPIÃO, JACINTHO, e CAROLINA.

JACINTHO. *(Sahindo da hospedaria, seguido de Serapião e de Carolina)* Sr. Serapião... attenda-me!...

SERAPIÃO. Saia d'aqui... é uma pouca vergonha!...

JACINTHO. Juro-lhe que foi a sua esposa que me encarregou d'esta mala, e que eu lh'a trouxe tal qual ella m'a entregou.

SERAPIÃO. Deixe-me, não seja mentiroso!... minha mulher não podia enviar-me uma mala comervas dentro, e um livro da — *Arte de furtar*.

JACINTHO. Perdão, se o interrompo. Mas...

SERAPIÃO. Eu espero do Cartaxo uma mala com camisas de morim, e com o meu casaco; metto a mão dentro, e encontroervas sêcas! Você o que pensava é que eu não abria a mala. *(A' filha)* O que elle pensava é que eu não abria a mala.

CAROLINA. Mas, papá, talvez a trocassem no vapor.

SERAPIÃO. Qual, o que elle pensava é que eu não a abria... E' elle o larapio, e queria ver se por este modo entabolava relações.

JACINTHO. Perdão, se o interrompo. Mas eu desconfio do moço que a carregou.

SERAPIÃO. Acho que você é muito descarado em andar atrás de minha filha... um galopim, que nem sequer paga dez réis de contribuição á camara. Você não sabe que ella está promettida ao Dr. Ventosa, o melhor medico em medicina, que a academia medicinal approvou em uma de suas sessões medicas?

CAROLINA. Oh! papá, mas eu não quero ser Ventosa.

SERAPIÃO. Não sejas tola!... Ventosa é um nome scientifico da academia de sciencias medicas!... Com elle, podes adoecer toda a vez que quizeres. Não ha nada mais commodo.

JACINTHO. Perdão, se o interrompo. Mas sempre lhe digo, que pouco me importa que ella case com o Sr. Ventosa. Eu hei de amal-a... e ella ha de amar-me... arranje-se lá como quizer.

SERAPIÃO. Ouves, minha filha? Estou arrependido porque esqueci a minha bengala.

JACINTHO. Vou dizer a todos que o senhor é um tyranno! Hei de escrever em todos os cantos do Cartaxo: Serapião Bexiga é um tyranno!... Serapião Bexiga é um tyranno!... Serapião Bexiga é um tyranno!... *(Sobe)*

ANTONIO. *(Sahindo do palacio, vestido de libré)* Serapião Bexiga! *(Pára no fundo)*

JACINTHO. *(Voltando-se antes de sahir)* Eis o que ganhei... *(Esbarrando com Antonio e vol-*

*tandó-se outra vez*) Bexiga tyranno!... (*Sae pelo fundo d' direita*)

SERAPIÃO. Minha filha, sinto-me incommodado, e tomaria um copo d'agua com assucar se não custasse tão caro.

## SCENA XII

SERAPIÃO, CAROLINA, e ANTONIO *em grande libré.*

ANTONIO. (*Detendo Serapião que vai a subir*) Perdão; V. S. é o Sr. Serapião Bexiga?

SERAPIÃO. Do Cartaxo.

ANTONIO. (*Saudando-o profundamente*) Aqui está esta carta para V. S.

SERAPIÃO. Uma carta! do Dr. Ventosa?

ANTONIO. E' do Sr. barão, meu amo. Se tiver resposta, elle mora n'aquelle palacio. (*Sauda-o e entra no palacio*)

SERAPIÃO. (*Sorpreso*) Um barão!

CAROLINA. O papá conhece barões?

SERAPIÃO. Não; mas ha barões que me conhecem... Tão poucas contribuições pago eu? (*Lendo*) «Rogo ao meu primo Serapião Bexiga...

CAROLINA. Um primo!

SERAPIÃO. (*Continuando*) «... de vir amanhã com sua filha passar a *soirée* nos meus salões, onde achará reunidas todas as notabilidades mais notaveis nas artes e na politica. — Barão Rufino das Dores.»

CAROLINA. Rufino!

SERAPIÃO. Meu primo!

CAROLINA. Barão!

SERAPIÃO. Das Dores! Uma trovoada não me atordoava mais... nem mesmo um raio que me cahisse no chapéo!

SCENA XIII

OS MESMOS, e GRAMMA com casaco ridiculo.

GRAMMA. (*Sahindo do palacio, diz para dentro*) Antonio, Chrispim, vão quanto antes á botica buscar quatro duzias de bixas; quando eu voltar lhes direi onde as hão de pôr.

SERAPIÃO. Bixas!

GRAMMA. Sobre tudo haja o maior cuidado para que o Sr. barão Rufino das Dores não saia hoje; digão-lhe que fui eu, o doutor, que assim o ordenei.

SERAPIÃO. Seu medico! deito-me a elle.

GRAMMA. (*Como quem procura*) Onde estará a minha sege? diabo d'aquelle John!... John! ó John!

SERAPIÃO. (*Seguindo-o*). Meu senhor, ainda que não tenho a honra de o conhecer...

GRAMMA. Eim? Vio o senhor a minha sege?

SERAPIÃO. Não, meu senhor; mas como V. S. pronunciou o nome do barão Rufino...

GRAMMA. O barão Rufino das Dores... meu illustre doente?

SERAPIÃO. Eu sou seu parente, Serapião Be-xiga...

GRAMMA. Sim, senhor, não duvido.

SERAPIÃO. Do Cartaxo.

GRAMMA. Também não duvido. Mas ha de me dar licença, que tenho de ir ao palacio do embaixador da Persia. (*Vai para sahir*)

SERAPIÃO. Então meu primo está realmente barão?

GRAMMA. Barão de primeira classe! Foi com este titulo que o Brasil recompensou as enormes quantias que elle emprestou ao estado.

CAROLINA. (*Ao pai*) Então! se é no Brasil...

SERAPIÃO. Sim, se é no Brasil... e, está de volta ha muito tempo?

GRAMMA. Haverá tres semanas. Viemos no mesmo navio.

SERAPIÃO. Ah! o senhor tambem estava no Brasil?

GRAMMA. Pois foi lá que nós tomámos conhecimento. Eu estava encarregado d'uma missão academica para descobrir uma nova especie de cenouras, e voltei para dotar a minha patria com esse novo legume.

SERAPIÃO. Oh! se Portugal tivesse muitos homens assim como V. S.!...

GRAMMA. Tem... olhe que tem.

SERAPIÃO. Feliz Portugal. (*Examinando-o*) Esta agora é melhor!

GRAMMA. O que é?

SERAPIÃO. (*Rodeando-o*) No Cartaxo, tinha um casaco como esse... mesmo exactamente...

GRAMMA. Oh! não admira, os casacos bonitos parecem-se uns com os outros. Muito prazer tenho em se terem encontrado os nossos pensamentos, escolhendo dous casacos semelhantes.

SERAPIÃO. E' celebre! Então meu primo está feito barão! estou pasmado!... ainda agora quando o encontrei de pé descalço...

GRAMMA. Mas deu-lhe logo um abraço?

SERAPIÃO. Não, que elle estava sem lenço ao pescoço. Mas agora caio em mim!... foi para me experimentar que elle se fingio de pobre... e eu que lhe dei só trinta réis!

GRAMMA. Trinta réis!... isso a fallar a verdade...

CAROLINA. Mas elle provavelmente não nos quer mal por isso, e a prova é que nos convida para a *soirée* d'amanhã.

GRAMMA. Festas, bailes, funcções! melhor fôra que elle tratasse do seu testamento.

SERAPIÃO. Como! está doente? por isso o senhor fallou em bixas!

GRAMMA. Está d'alguma gravidade todo este caso.

SERAPIÃO. Mas que tem elle?

GRAMMA. Ha uma complicação; é uma doença clymaterica, que eu trato por meio de vegetaes, substancias hydrogenifugas; mas tenho poucas esperanças.

CAROLINA. Pobre primo!

GRAMMA. Oh! dos herdeiros não tenho eu dó!

SERAPIÃO. Então é muito rico?

GRAMMA. Ninguem sabe o que elle tem... Se se quizesse arruinar, não lhe seria possível; e depois, é dotado d'uma avareza insupportavelmente solida! Talvez lhe pareça impossivel; mas acredite que nunca me dá mais de meia moeda por visita, á mim, que o trato com certa gravidade e attenção, que não é muito usual.

SERAPIÃO. Meia moeda! No Cartaxo não se dá mais que doze vintens!... Então parece-lhe que não escapa?

GRAMMA. Deos queira que me engane, mas aquella cabeça... é imprudente, abusa quando tem algumas melhoras. (*Ouve-se a voz de Rufino*) Que lhe digo eu? ahí vai elle sahir apesar das minhas ordens. (*Vai a Rufino*)

#### SCENA XIV

Os MESMOS, RUFINO *sustido por* ANTONIO, e outro MUSICO *vestido de criado*. *Sahem do palacio.*

RUFINO. (*Um pouco bebado*) Deixem-me!... quero ar... preciso respirar!... não se póde estar lá dentro.

GRAMMA. Então, Sr. barão, V. Exc. quer se matar?

RUFINO. (*Rindo*) Adeos, Sr. doutor!... Que

diabo faz um homem? eu vou por ahí fóra outra vez até ao Brasil.

GRAMMA. (*A'parte*) O estroina bebeu mais do que era preciso... está quasi bebado!

RUFINO. Por onde é o caminho para o Brasil, ó doutor?

SERAPIÃO. (*Baixo a Gramma*) Está muito alegre, para um doente.

GRAMMA. E' a fêbre.

RUFINO. (*Passando a Serapião*) Olé, você por cá!... Que se faz, cidadão Bexiga? (*Bate-lhe na barriga*)

SERAPIÃO. Como, Sr. barão! pois digna-se, apesar do que se passou esta manhã...

RUFINO. Os trinta réis?... bem! você é um primo das duzias.

SERAPIÃO. Não sou. A razão é que pago tantas contribuições... comtudo, devia ter-lhe dado quatro vintens.

RUFINO. (*Rindo*) Você tem ratices... primo Bexiga!

SERAPIÃO. E não sei como hei de emendar... (*Examinando-o*) E' celebre!... O senhor tem um collete igual a outro que tenho no Cartaxo!

RUFINO. Segue-se que no Cartaxo usa-se de cousas bonitas.

SERAPIÃO. (*Offerecendo-lhe uma pitada*) O senhor toma?

RUFINO. Tomo!... E' bem bonita esta caixa!...

SERAPIÃO. Deseja uma caixa assim?

GRAMMA. (*Baixo a Serapião*) Offereça-lhe essa.

SERAPIÃO. (*Baixo*) Olhe que é de ouro!

GRAMMA. (*Baixo*) Elle não se offende.

SERAPIÃO. Meu primo, se esta caixa é do seu gosto . . .

RUFINO. Não, primo, não quero; obrigado.

SERAPIÃO. Já não é nova.

RUFINO. (*Tomando a caixa*) Não quero que se escandalise; aceito.

SERAPIÃO. (*A'parte*) E eu que julguei que a rejeitava!

RUFINO. Como vão lá no Cartaxo os outros; o primo Mamede, o primo Timotheo; ainda estão muito feios?

SERAPIÃO. Bons, louvado seja Deus!

GRAMMA. (*A Rufino, com autoridade*) Sr. barão, o ar está frio bastante, e é melhor recolher-se.

RUFINO. O doutor é o meu desmancha desprazeres; tenho calor; quero rir; quero cantar; quero dansar; viva a pandiga! tra, lá, lá tra, lá, lá. (*Dansa e canta. A final cambaleia e diz*) Ah! já não posso . . . já não posso mais. (*Os criados tomão-o nos braços. Baixo ao doutor*) Que tal?

GRAMMA. Não vais mal; mas retira-te quanto antes.

SERAPIÃO. (*Passando a elle*) Agitou-se muito?

GRAMMA. Eu já previa esta crise.

CAROLINA. Está peor?

GRAMMA. (*Tomando-lhe o pulso*) Pobre moço!  
Não lhe dou quinze dias de vida.

RUFINO. (*A'parte*) Oh! que patife! (*Dispõe-se a levar Rufino*)

CAHE O PANO.

## ACTO SEGUNDO

O theatro representa um salão ricamente mobiliado, no palacio do barão do Valle; porta no fundo. A' esquerda, em pano cortado, o quarto de Rufino; no mesmo lado, no segundo plano, um gabinete. A' direita, no pano aberto, uma janella; no mesmo lado, no segundo plano, uma porta. A' esquerda, á boca da scena, uma mesa e uma cadeira de braços. Um biombo disposto de modo a occultar a cadeira e a mesa; uma conversadeira á direita, na frente; cadeiras, etc. Um copo sobre a mesa.

### SCENA I

CAROLINA, só.

CAROLINA. (*Escutando á porta de Rufino*) Ouço falar, mas não percebo o que dizem. Quem me dera saber se o primo Rufino vai melhorzinho! (*Descendo a scena*) Ha seis dias já que está doente e sempre de cama! Meu pai nunca

se tira de ao pé d'elle!... Admira-me isto!... Quando cuidavão que meu primo era pobre, ninguém se chegava para elle; agora que está millionario, todos os parentes lhe tem muita amizade! Os que estavam no Cartaxo vierão immediatamente no vapor... O Timotheo Januario, que tem 75 annos, e o Vicente Mamede, boticario, que trouxe a mulher consigo!... Nunca pensei que se interessassem tanto pela saude do primo Rufino! (*Dirige-se ao quartô de Rufino*)

SCENA II

JANUARIO, ANTÔNIO, e CAROLINA.

ANTONIO. (*Entrando pelo fundo, seguido de Januario*) Entre, entre Sr. Januario... (*Indicando-lhe uma cadeira*) n'essa idade qualquer cousa cansa.

JANUARIO. Está enganado!... na minha idade sinto-me ainda muito rijo!... e talvez dure mais do que você.

ANTONIO. Tanto não desejo eu.

JANUARIO. Como está hoje o primo Rufino?

ANTONIO. (*Suspirando*) Ah! um... um...

JANUARIO. Não receies affligir-me; estou preparado para tudo.

ANTONIO. Com franqueza... o homem vai-se!...

JANUARIO. E' preciso que eu o veja; não posso perder tempo.

ANTONIO. Deixe-me ir ver primeiro se póde entrar. (*Entra no quarto de Rufino*)

CAROLINA. (*Que desceu a scena*) Bom dia, Sr. Januario.

JANUARIO. (*Vendo Carolina*) Ah! estás ahí; e teu pai?

CAROLINA. Está com o Sr. Gramma á cabeceira do doente.

JANUARIO. Já!... ás 8 horas da manhã!... Então elle passa aqui a noite?

CAROLINA. Está sempre ao pé d'elle... e, além d'isso, hoje quer fazer uma surpresa ao primo Rufino.

JANUARIO. Uma surpresa!

CAROLINA. E' preciso advertir-lhe que o primo é muito sensível a presentes.

JANUARIO. Bem sei; o Dr. Gramma prevenio-me que elle gostava mais de os receber, do que de os dar.

CAROLINA. E, assim como todos os doentes, o primo Rufino tem certos appetites exquisitos; por isso nós hoje, antes de irmos para cá, fomos comprar-lhe um relógiozinho de ouro, muito bonito, e tres duzias de lenços de seda da India! Nunca vi meu pai tão generoso!

JANUARIO. (*A'parte*) Tratante! como foi abelhudo!... E eu que só lhe trago uma salva de prata... Fiz mal em querer poupar.

ANTONIO. (*Entrando*) O Sr. Januario póde entrar.

JANUARIO. Obrigado, meu amigo, obrigado.  
(*Entra vivamente no quarto*)

CAROLINA. (*A'parte*) Parece que ficou zangado por meu pai chegar cá primeiro do que elle.

### SCENA III

CAROLINA, ANTONIO, MAMEDE, e AMELIA.

MAMEDE. (*A sua mulher, puxando-a pela mão e entrando pelo fundo*) Entra, faz favor... não percamos tempo.

AMELIA. Não me puxe... olhe que desmaio. Pobre Rufino!... parece-me sempre ouvir dizer...

MAMEDE. Que está defunto?... Não tenhas medo; já m'o haverião dito. (*Vendo Carolina*) Ah! tu aqui?

CAROLINA. Bom dia, Sr. Mamede... adeos, Amelia.

MAMEDE. (*A Antonio*) Por acaso não seria eu hoje o primeiro a chegar?

ANTONIO. Nada; já cá estão ambos os seus dous primos.

MAMEDE. (*A Amelia*) Tu é que tens a culpa! levas duas horas a vestir-te!... Eu bem queria vir só; mas teimaste em acompanhar-me...

AMELIA. Rufino é meu primo por afinidade; tenho todo o direito de me interessar por elle.

MAMEDE. Interessas-te até demais... Cuidas

que não sei os teus antecedentes com o tal primo?... Cuidas que não sei que se amirão? Não tenho ciúmes, porque elle está a espiçar; senão, havias de ficar no Cartaxo. Não, que de tolo não tenho eu nada.

AMELIA. O melhor é não lhe dar resposta.

MAMEDE. (*A Antonio*) A proposito, como passou elle a noite?

ANTONIO. Mal, muito mal... e se eu me atrevesse a dizer-lhe...

MAMEDE. Atreva-se, a verdade não deve assustar a ninguém.

ANTONIO. (*Chorando*) Parece-me que pouco póde tardar...

MAMEDE. Scio!... (*Dando-lhe dinheiro*) toma para ti.

ANTONIO. (*Recebendo-o e subindo a scena*) Muito obrigado.

AMELIA. Então não ha esperanças?

ANTONIO. (*Levantando o braço para o céu e suspirando*) Oh! (*Entra no quarto de Rufino*)

AMELIA. (*Suspirando*) Ah!

MAMEDE. Vamos, Amelia, não me perturbes com os teus suspiros! Preciso de toda a minha cabeça!... os outros estão ao pé do doente; estou certo que farão o possível para o dissuadirem de contemplar-me no testamento. Verão que a cousa sae contra mim.

CAROLINA. Pois atreva-se a suspeitar que meu pai...

MAMEDE. Oh!... seu pai então... esse é um

crocodilo... só elle enguliria toda a herança. (*Carolina senta-se na conversadeira*) Mas está enganado, porque eu quero tambem a minha parte, e trago ao Rufino um presente que ha de fazer o effeito desejado. (*A parte*) Não, que de tolo não tenho eu nada.

AMELIA. O que é?

MAMEDE. (*Tirando um estojo*) Um relógio de repetição com sua cadêa, e seus berlinguetes; como um que elle hontem mostron desejar.

AMELIA. A mim nunca você me deu um.

MAMEDE. Dar-t'o-hei quando estiveres para morrer. Espera-me aqui com Carolina, que eu já volto. (*Entra no quarto de Rufino*)

#### SCENA IV

CAROLINA e AMELIA.

AMELIA. Viste hoje o primo?

CAROLINA. Não o tornei a ver desde o dia em que elle se achou doente na rua. Mas meu pai tem-me dito que elle nem por isso está muito desfigurado.

AMELIA. Oh! hei de vel-o, ainda que seja uma só vez; é preciso que meus olhos encontrem seus olhos!... Tu sabes, Carolina, que estavamos destinados um para o outro?

CAROLINA. Sim, mas não é bonito lembrarestes d'isso.

AMELIA. Eu bem sei... mas que queres?...

mesmo por não ser bonito é que eu me lembro d'elle!... senão, talvez já o tivesse esquecido!... O coração das mulheres é assim mesmo!... Tu comprehenderás isto, quando chegar a tua vez. De mais a mais, meu marido é boticario, e com elle o casamento faz-me o effeito de uma pilula.

CAROLINA. Tambem meu pai me quer casar com o Dr. Ventosa, homem de quem eu nem posso ouvir o nome. As mulheres são todas dignas de lastima.

AMELIA. Por isso ellas se lamentão tanto.

## SCENA V

OS MESMOS, e JACINTHO.

JACINTHO. (*Apparecendo na porta do fundo*)  
Perdão, se as interrompo. Aqui estou eu.

CAROLINA. Jacintho! que imprudencia! Olhe que meu pai está cá.

JACINTHO. E tem a bengala?

CAROLINA. Tem, sim senhor.

JACINTHO. (*Descendo a scena*) Não importa; affronto a propria bengala para lhe annunciar o seguinte. A Sra. Amelia pôde ouvir. Seu papá tinha chamado o Dr. Ventosa para assistir ao doente; porém o Dr. Gramma tanto gritou que o Dr. Ventosa era um asno e um veterinario, que o illustre autor dos dias da menina desistio da empresa.

CAROLINA. O Dr. Gramma é uma bella pessoa.

JACINTHO. O que me dá cuidado é a mala de seu papá!... Enquanto eu não lh'a achar, elle está como um leão contra mim!... Por isso ainda que me seja preciso revolver o bairro, hei de encontrar o mariola que a bifou.

CAROLINA. Veja se a acha, e quando meu pai não estiver zangado...

JACINTHO. Lançar-nos-hemos a seus pés, e o Sr. Mamede intercederá por nós. *(Percebendo que alguém chega)* Vem alguém... eu safo-me. Adeos! vou procurar a mala do papá. *(Corre pelo fundo. Carolina acompanha-o até á porta)*

## SCENA VI

AMELIA e CAROLINA; MAMEDE, SERAPIÃO e JANUARIO, *sahem todos do quarto de RUFINO.*

SERAPIÃO. Estou commovido! Ah! estou arrepiado até aos cabellos!

CAROLINA. Então soffre muito?

MAMEDE. Como elle saltava na cama!

JANUARIO. Francamente... no seu estado, é melhor morrer.

SERAPIÃO. Era o meu pensamento mesmo... não o dizia... mas era o meu pensamento.

JANUARIO. Deveras!... isto affecta-me dolorosamente. *(Sentando-se com toda a força na poltrona)*

MAMEDE. Cuidado, primo, senta-se com tanta força!... olhe que póde quebrar os elasticos!

JANUARIO. Que lhe importa?

MAMEDE. *(Passando ao outro lado da poltrona)* Importa-me, porque a mobilia faz parte da herança.

SERAPIÃO. E vossemecê não tem o direito de estragar o que nos pertence.

JANUARIO. Parece-me que pertence tanto a mim, como a vossemecês...

SERAPIÃO. Póde ser.

JANUARIO. E posso saltar em cima quanto quiser. *(Salta em cima da cadeira)*

MAMEDE. Saia já d'ahi.

JANUARIO. Não quero.

SERAPIÃO. Isto é de mais! Saia d'ahi, já se lhe disse.

JANUARIO. Não quero, não quero.

MAMEDE e SERAPIÃO. *(Fazendo-o levantar)* Irra, que ha de sahir por força. *(Tem-o levantado)* Ande.

## SCENA VII

OS MESMOS, e GRAMMA.

GRAMMA. *(Sahindo do quarto de Rufino)* Que é isto, senhores, ao pé do quarto de um doente a fazerem algazarra!... isto é indecente, senhores.

AMELIA. *(Passando a Serapião)* Ah! doutor, que vergonha!

GRAMMA. Exactamente na occasião em que elle acaba de fechar os olhos...

MAMEDE. Que diz!... o primo...

SERAPIÃO. Fechou...

JANUARIO. Os olhos!...

GRAMMA. Para ver se conciliava o somno...

Aposto que receavão já que...

SERAPIÃO. Pois o senhor dizia que... (*Amelia senta-se na poltrona*)

GRAMMA. Está a dormir no mais completo socego, e ha de ter um somno delicioso, graças aos presentes de que o accumulárão! O relógio de repetição do Sr. Mamede, causou-lhe uma alegria pueril.

MAMEDE. (*A'parte*) Não, que de tolo não tenho eu nada.

SERAPIÃO. E gostou da minha boceta de tabaco, e dos lenços de seda? agradárão-lhe?

GRAMMA. Muito! Fez-lhe a honra de se assoar tres vezes nos seus lenços.

JANUARIO. E gostou da minha salva de prata? Não achou um presente insignificante...

GRAMMA. Nada... ficou contente. Eu estou persuadido que quanto mais perto se está da morte, mais se gosta de ouro, prata e outras galanterias assim.

MAMEDE. E parece-lhe que está chegado o termo...

GRAMMA. O que lhe sei dizer é que tenho tratado de muitos doentes, mas nunca vi um assim! falhão-me com elle todos os calculos!...

Tenho apenas um ultimo meio a tentar; é um remedio decisivo que ou o põe bom ou acaba com elle.

MAMEDE. Isso mesmo; um remedio que acabe com elle.

GRAMMA. Ou...!

MAMEDE. Que cure, está claro.

JANUARIO. Elle ainda não fallou em fazer as suas disposições?

GRAMMA. Já. Se elle até queria nomear-me seu legatario universal...

TODÓS. Ao senhor?!...

GRAMMA. Não aceitei de maneira nenhuma.

SERAPIÃO. Senhor, um tal desinteresse...

JANUARIO. Tanto mais conhecendo-lhe a fortuna!

GRAMMA. Justamente; por eu a conhecer é que a não quiz. Aquillo para mim é uma bagatella... Lembrei-lhe que deixasse tudo aos senhores; mas elle quer por força fazer testamento, não sei porque... deve redigil-o ainda esta manhã.

SERAPIÃO. (*A'parte*) Diabo!

MAMEDE. (*A'parte*) Um testamento!

JANUARIO. (*A'parte*) Foi bom sabel-o.

ANTONIO. (*Sahindo do quarto de Rufino*) O' Sr. doutor... se não lhe dá incommodo...

GRAMMA. (*A Serapião*) Com licença. (*Indo a Antonio*) O que é?

ANTONIO. (*Tomando-o de parte*) O Rufino diz

que não come desde hontem, e que está com ataque de fraqueza.

GRAMMA. (*Baixo a Antonio*) Não lhe digas que já almocei. (*Alto*) Bom, eu avisarei... (*Antonio entra no quarto de Rufino*)

JANUARIO. (*Com interesse*) Ha alguma novidade?

GRAMMA. Isto corta o coração! acordou n'este momento, e figura-se-lhe que está com fome... quer por força tomar alimentos.

MAMEDE. Parece-me que, no estado em que se acha, póde-se-lhe dar tudo quanto elle quizer. (*Senta-se*)

GRAMMA. Tambem me parece; mas em casa não ha mais do que tisanas, e se eu me atrevesse a desamparal-o, ia buscar-lhe umas garrafitas de vinho do Porto, e algumas iguarias-sinhas.

MAMEDE. (*Levantando-se*) Não se incomode, eu mesino vou. (*Sobe a scena*)

SERAPIÃO. (*Detendo-o*) Eu posso ir buscar isso.

GRAMMA. Não lhe traga alguma ridicularia: bom e bastante para lhe entreter a vista e o paladar.

MAMEDE. Vou n'um pé e venho n'outro... Anda, vamos, Amelia. (*Sobe seguido de Serapião*)

AMELIA. (*A'parte*) Partir sem o ver!

MAMEDE. (*Empurrando Serapião*) Amelia, vens ou não vens? Vamos!

CAROLINA. Eu vou tambem. (*Vão-se pelo F.*)

SCENA VIII

OS MESMOS, *excepto* MAMEDE, AMELIA e CAROLINA.

SERAPIÃO. Eu teria ido de boa vontade.

JANUARIO. Também eu.

GRAMMA. Deixem-o!... dá-me vontade de rir aquelle zêbo! Elle está com muito poucas sympathias ao barão.

SERAPIÃO. Deveras!

JANUARIO. Sabe alguma cousa?

GRAMMA. O que eu sei é que elle e o barão Rufino são dous gallos!... e que entre elles houve uma gallinha.

JANUARIO. Com effeito... Rufino namorou Amelia.

GRAMMA. E ainda se lembra d'ella... hontem me disse elle: «Doutor, dentro de poucos dias, quando eu já estiver bom... (*Sorrindo*) quando eu já estiver bom, quero dar um grande jantar...

SERAPIÃO. Que lembrança!

JANUARIO. Adeos, minhas encomendas!

GRAMMA. ... e como eu deixei no Brasil toda a minha prata e serviço de mesa, veja se me compra duas ou tres duzias de talheres de prata.

SERAPIÃO. Talheres de prata?

JANUARIO. Elle deseja talheres de prata?

GRAMMA. Dá o cavaco por cousas de ouro e de prata, não lh'o disse já? e é muito perigoso contrariar-o. Assim, logo que tenha occasião...

JANUARIO. Duas ou tres duzias... faz uma continha menos má.

GRAMMA. (*Descendo a scena*) Não seria máu que fosse lavrada.

JANUARIO. E cobre de Macáu não faria a festa?

GRAMMA. Cobre de Macáu ao barão Rufino das Dóres? Então é melhor estanho! Ora essa!

SERAPIÃO. (*Tomando-o de parte*) Tem fé que um tal sacrificio o faça pender em meu favor?

GRAMMA. Pois não! tres duzias de talheres de prata lavrada, serão de um grande peso na balança.

SERAPIÃO. Está decidido, vou comprar os talheres.

JANUARIO. (*Tomando Gramma de parte*) Que lhe disse elle, doutor?

GRAMMA. Que os vai comprar, mas que não diga eu nada ao senhor.

JANUARIO. Hypocrita!

SERAPIÃO. (*Baixo a Gramma*) Vou fazer a compra. (*Sobe*)

JANUARIO. (*Subindo tambem*) Onde vai, meu primo?

SERAPIÃO. A parte nenhuma; vou sair.

JANUARIO. Espere por mim.

GRAMMA. (*Baixo a Januario*) E' melhor ficar. (*Passa á direita*)

SERAPIÃO. Não se incommode; eu já volto. (*Sae pelo fundo*)

SCENA IX

GRAMMA e JANUARIO.

JANUARIO. O doutor! doutor, olhe que elle vai...

GRAMMA. Deixe-o ir; o barão não o pôde ver: ainda não lhe esqueceu aquella historia dos trinta réis, que eu contei outro dia ao senhor.

JANUARIO. Então, se elle detesta o Mamede e não pôde ver o Serapião, está na sua mão vingar-se, nomeando-me seu herdeiro.

GRAMMA. E eu que estimaria muito, porque sympathiso com a sua pessoa. Tinha uma irmã que se parecia muito com o senhor. Infelizmente...

JANUARIO. Infelizmente!

GRAMMA. Digo, porque o barão não o pôde ver.

JANUARIO. A mim! e porque?

GRAMMA. Em consequencia de uma terra e de uma casa de campo, que elle vendeu ao senhor por dez réis de mel coado, antes de ir para o Brasil.

JANUARIO. Pelas quaes dei uma continha menos má!

GRAMMA. Pois sim, mas as boas contas nem sempre fazem bons amigos, e receio que elle deixe a sua fortuna aos pobres.

JANUARIO. Mas isso seria uma immoralidade!

Os pobres não têm encargos, no emtanto que eu estou edificando uma casa, para a qual faço tencção de me retirar d'aqui a dez ou doze annos.

GRAMMA. Sim, para quando fôr velho.

JANUARIO. E acredite que, n'este momento, essa herança cahia-me do céo aos trambulhões! assentava-me como uma luva.

GRAMMA. Pois para calçar essa luva sei de uma linha que lhe póde servir muito.

JANUARIO. Vamos a ver a linha.

GRAMMA. Isto complica com a affecção sephalo-chromo-duróphana do meu doente; elle tem vivido em palacios, está agora com saudades da habitação onde passou os seus primeiros annos, das arvores, da quinta, dos patos do tanque, do tanque dos patos, dos... etc. Diz elle que toda a sua felicidade seria acabar na casa que o vio nascer! *(A parte)* Que bonita falla para um romance sentimental! *(Alto)* Eis a linha de que lhe fallei.

JANUARIO. Perdão... mas é tão fina que nem a vejo.

GRAMMA. Pois não ha nada mais simples... redija um auto em boa fórma, pelo qual lhe restitua tudo quanto elle lhe venden. Mostre-lhe o auto, abrem-se-lhe os olhos de alegria, chora de prazer, e a herança é sua!

JANUARIO. Sim; o meio é seguro; mas olhe que isso é negocio de um bom par de moedas!

GRAMMA. Mas se o testamento lh'as restitue!

JANUARIO. Bem sei; mas quando fará elle o testamento?

GRAMMA. Hoje mesmo, isso lhe prometto eu já; e amanhã a herança é sua.

JANUARIO. Quem sabe lá...

GRAMMA. E' verdade, diz muito bem; quem sabe lá!... Talvez que ainda esta noite...

JANUARIO. Se eu tivesse a certeza que...

GRAMMA. Se o senhor lhe parece que o medico não tem razão de entender d'estas cousas... *(Sob a scena)*

JANUARIO. Vamos, confio no senhor. Vou redigir o auto.

GRAMMA. *(Indicando-lhe a primeira porta á esquerda)* Póde ir para aquelle gabinete, que lá tem papel e tinteiro.

JANUARIO. *(A' parte)* Aos taes meninos, prego-lh'a na menina do olho. *(Entra no gabinete)*

GRAMMA. *(A' parte)* Mais um para a ratoeira.

## SCENA X

GRAMMA e RUFINO.

RUFINO. *(Deitando a cabeça fóra do quarto)* Ninguem!... boa occasião... *(Entra e põe-se a dansar)* Trá, lá, trá, lá, lá. *(Sae vestido de chambre e com um barrete branco)*

GRAMMA. Cala-te, diabo! Januario está ali.

RUFINO. Deixa-o estar!... preciso dar movi-

mento às pernas! Queres que fique entevado?  
(*Dansa*) Trá, lá, trá, lá, lá!

GRAMMA. Fazes favor! para que sahiste tu do quarto sem minha licença?

RUFINO. Se te parece que é muito agradável estar todo o dia mettido na cama, e não poder passear senão de noite! Não gósto do papel de doente; assim é que a gente toma máus costumes, e depois não se póde emendar!

GRAMMA. Tem paciencia, meu querido amigo, todas as profissões tem os seus contras.

RUFINO. A profissão de doente não se dá bem com o meu estomago! Tu comes, porque ha seis dias estás mais gordo! e a mim queres-me sustentar com tisanas!...

GRAMMA. Já dei ordem para ser servido o Sr. barão.

RUFINO. O baronato custa-me caro!... quasi que prefiro fazer recados e engraxar botas.

GRAMMA. Não digas indecencias! e os presentes de que te acumulárão?

RUFINO. Ora, tambem se não fosse isso, já me tinha posto a andar!... A proposito, que tens feito d'essas galanterias?

GRAMMA. Todos os presentes que têm vindo estes dias já estão reduzidos a dinheiro! Uma continha calada! cem moeditas, sem contar os presentes de hoje!... (*Dando-lhe quatro notas*) Toma lá estas quatro notas de dez moedas.

RUFINO. Não te faças criança; olha que eu tambem estudei algebra! metade de cem, são

cincoenta... e quatro notas de dez moedas equivale a quarenta, e a trinta rigorosamente.

GRAMMA. (*Dando-lhe mais uma*) Vá lá... toma.

RUFINO. Com isto ainda se vive um par de tempos! mas depois?

GRAMMA. Depois? Sabe o senhor o que o respeitavel Timotheo Januario está fazendo agora para se entreter? redige um auto pelo qual lhe restitue todos os seus dominios.

RUFINO. O' Gramma! pois tu conseguiste?... és um heróe!

GRAMMA. Eu bem te tinha dito que com talento e parentes ricos, fazem-se grandes cousas no commercio!

RUFINO. E' preciso convirmos que os meus primos são uns grandes tratantes!

GRAMMA. Oh! muito boas pessoas; são ricos, portanto, são muito boas pessoas! (*Batem*)

RUFINO. Quem é? (*Senta-se na poltrona*)

## SCENA XI

Os MESMOS, e CYPRIANO.

CYPRIANO. (*Entrando pelo fundo*) Sou eu, não tenha medo!... Meus senhores, sinto muito incommodal-os; porém tinha convencionado que só occuparião o palacio por dous dias, e já lá vão seis... Póde n'este comenos chegar meu amo... e se os encontrasse...



SCENA XII

GRAMMA, RUFINO, SERAPIÃO, e MAMEDE.

SERAPIÃO. (*Entrando pelo fundo com os talheres embrulhados*) Meu caro doutor... fiz a compra!... (*Vendo Rufino*) Ah! meu Deus! está de pé... acaso irá melhor! (*Rufino tosses*)

GRAMMA. Ao contrario... achei que era melhor elle vir para aqui para ver se faço uma experiencia... galvanisar-lhe a omoplata.

SERAPIÃO. Ah! isso é outro caso! Aqui estão tres duzias de talheres de prata lavrada!... Posso mostrar-lh'os?

GRAMMA. Dê cá!... elle não aceita nada senão da minha mão.

SERAPIÃO. (*A parte*) Mas a boceta de ouro, aceitou elle da minha.

GRAMMA. (*A Rufino*) Sr. barão, o seu honradissimo, bonissimo e agradabilissimo primo Serapião, toma a audaciosa liberdade de lhe offerecer tres duzias de talheres de prata. (*Dá-lhe os talheres*)

SERAPIÃO. Lavrada, se me faz favor.

GRAMMA. É verdade, lavrada.

RUFINO. (*Com voz fraca*) O' meu primo!... tres duzias é demais!... tambem traz a concha?

SERAPIÃO. (*A Gramma*) Que demonio diz elle?

GRAMMA. (*Baixo a Serapião*) Pergunta se tambem traz a concha... é a colher grande que tira a sôpa e o arroz. (*Sóbe a scena*)

SERAPIÃO. (*Passando a Rufino*) Não, meu nobre primo, eu não suppunha que a concha...

RUFINO. Não tem duvida!... era um appetite... mas emfim... esteja certo que me hei de lembrar!... (*A'parte*) de as mandar vender.

SERAPIÃO. (*A Gramma*) Ouvio?... diz que se ha de lembrar...

MAMEDE. (*Entrando pelo fundo, carregado de provisões*) Ah! meu Deos! estou todo n'um suor...

SERAPIÃO. Scio!

GRAMMA. Não grite.

MAMEDE. Levantado!... acaso irá melhor? (*Rufino tosse*)

SERAPIÃO. Não... é para lhe galvanisar a atomata.

GRAMMA. Que é feito de sua senhora?

MAMEDE. Deixei-a na hospedaria para ir comprar as iguarias. Não, que de tolo não tenho eu nada! Veja: Porto, pasteis, salsichão, etc. (*A'parte*) Que lhe parece?

RUFINO. (*A'parte*) Que bellos petiscos!

SERAPIÃO. (*A'parte*) Lavo as minhas mãos se tudo aquillo dá cabo d'elle.

GRAMMA. Vou collocar-lhe diante dos olhos estas iguarias para lhe entreter a vista. Elle provavelmente não come. (*Põe tudo em cima da mesa*)

RUFINO. Fecha o biombo.

GRAMMA. (*A Rufino*) Cautela! (*Fecha o biombo. Rufino põe-se a comer*)

MAMEDE. (*Baixo a Serapião durante o movimento acima*) Elle póde comer d'aquillo?

SERAPIÃO. E' muito indigesto.

MAMEDE. A' noite... mas de dia...

GRAMMA. (*Depois de fechar o biombo, faz-lhes signal para se calarem*) Psio!... adormeceu... agora não perturbemos o seu repouso.

MAMEDE. Diga-me... o senhor queria procurar-lhe um remedio que o curasse ou que o matasse?

GRAMMA. E ainda quero.

MAMEDE. (*Tirando um frasquinho*) Aqui tem um, pelo qual lhe respondo; sou boticario, e preparei-o com toda a consciencia.

GRAMMA. Oh! oh!

RUFINO. (*A'parte*) Um remedio! Safa!

SERAPIÃO. (*A'parte*) Não era eu que lhe punha a boca!

MAMEDE. Já o experimentei muitas vezes, e sempre produzio o melhor effeito... já curou um burro e dous cavallos!

RUFINO. (*A'parte*) Que patife! (*Bebe*) O vinho é famoso!

GRAMMA. (*Pegando na mão de Mamede*) Só um parente teria esse cuidado! Vou mandar-lhe fazer uso d'elle... mesmo porque o homem vai-se esta noite!

MAMEDE e SERAPIÃO. Esta noite!

GRAMMA. Ora ajuizem do meu embarço... tenho-o acompanhado todas estas noites... de modo que estou já sem forças... (*Sentando-se*

na poltrona) Eu tomava de boa vontade al-  
guem que fizesse as minhas vezes; mas tenho  
medo de me fiar em criados!

SERAPIÃO. Quer que eu tome o seu lugar?

MAMEDE. Ou eu... veja lá!

GRAMMA. Obrigado! mas é que um homem  
nunca tem aquelles cuidados... aquellas at-  
tenções que tanto sobresaem n'uma mulher!

SERAPIÃO. Está ahí minha filha. *(Rufino sobe  
acima da cadeira, e faz signal a Gramma,  
por cima do biombo, que não)*

MAMEDE. Sua filha?

GRAMMA. Não; as meninas têm pouca pra-  
tica de tratar doentes... tinha-me lembrado  
*(A Mamede)* sua senhora. *(Rufino faz signal  
que sim, e senta-se)*

MAMEDE. Minha mulher!

SERAPIÃO. Nada, nada, não consinto... para  
que?... para fazer valer sua influencia, e de-  
pois...

MAMEDE. *(A parte)* Ora espera!... lembraste  
bem!

SERAPIÃO. O que não poderia praticar minha  
filha.

MAMEDE. E também não era bonito que uma  
donzella passasse a noite á cabeceira de um  
homem!

SERAPIÃO. Prefere então que sua mulher...

MAMEDE. Minha mulher é casada.

GRAMMA. *(Levantando-se)* Diz muito bem...  
é casada.

MAMEDE. Demais, o primo está mais para lá que para cá... Vou buscar minha mulher...  
(*A'parte*) Não, que de tolo não tenho eu nada.

RUFINO. Bom! bom! elle de tolo não tem nada!... é a sua opinião.

MAMEDE. Até já... vou buscar minha mulher. (*Sae*)

SERAPIÃO. Vou buscar a concha, que lhe parece?

GRAMMA. Sr. Serapião Bexiga, vossemecê é um talento digno de melhor sorte.

SERAPIÃO. (*Parando no fundo*) Vou buscar a concha. (*Sae*)

### SCENA XIII

GRAMMA e RUFINO.

RUFINO. (*Levantando-se e passando á esquerda*) Agora já posso rir á vontade!... almocsi como um labrego.

GRAMMA. (*Indo pôr a mesa ao canto*) Aposto que nem se quer me guardaste um pastel?

RUFINO. Guardei-te o folhado.

GRAMMA. Nunca has de ser um homem serio! ora senta-te, anda, o joven Timotheo Januario não póde tardar.

RUFINO. Comtanto que não se demore por cá muito tempo, porque Amelia tambem não póde tardar!... Oh! que prazer!

GRAMMA. O ahiór, mesmo em republica, lia de ser sempre o rei dos tolos.

RUFINO. (*Olhando para a esquerda*) Elle ahí vem. (*Senta-se*)

SCENA XIV

OS MESMOS, e JANUARIO.

JANUARIO. (*Sahindo do gabinete da esquerda, com um papel na mão*) Demorei-me um pouco, porque a redacção... (*Vendo Rufino*) Ah! levantou-se?... (*Rufino tosse*)

GRAMMA. (*Baixo a Januario*) Para poder escrever melhor o seu testamento. Já o preveni.

JANUARIO. Ah! fez bem.

GRAMMA. Vamos a ver o auto. (*Agarra o papel e lê*) Eu abaixo-assignado, declaro ceder em totalidade... (*Declama*) Bem, bem, é isto. (*A Rufino*) Sr. barão, aqui está o generoso Timotheo Januario em companhia da tal meia folha de papel.

RUFINO. (*Tomando o papel*) Ah! sim!... bem sei, primo; eu sou muito sensível... E' o meu verdadeiro e unico parente... conte com a minha benção.

JANUARIO. (*Baixo a Gramma*) Com a sua benção!... e não falla no testamento?

GRAMMA. (*Baixo*) Vai agora tratar d'isso; passe por cá d'aqui a hora e meia ou duas horas.

JANUARIO. D'aqui a duas horas!... nada; dei o auto; quero que me dêem o testamento. Não saio d'aqui sem o testamento.

RUFINO. (*A' parte*) Ah! não queres? pois eu já te faço pôr a andar! (*Alto*) doutor, são horas do remedio.

GRAMMA. O remedio, Sr. barão!... (*A' parte*) Dar-se-ha o caso que elle queira purgar-se?

RUFINO. Ha de dar licença, primo.

JANUARIO. (*Passando a elle*) Pois não! pôde tomar o seu remedio! tenho visto tomar muitos!...

RUFINO. Sente-se ao pé de mim, meu caro parente. (*Januario vai buscar uma cadeira no fundo*)

GRAMMA. (*Passando para o pé da mesa e vasando o remedio n'um copo*) Aqui está, Sr. barão... (*Dando-lhe o copo, diz-lhe baixo*) Não bebas. (*Passa á direita*)

RUFINO. (*Baixo*) Eu já te mostro. (*Alto*) Ah! como é escuro!... (*Leva-o ao nariz*) Não gôsto d'isto. (*Gramma passa á direita*)

JANUARIO. (*Que tem vindo sentar-se ao pé de Rufino*) Vamos, faça um esforço sobre si.

RUFINO. (*Levando-o á boca*) Nada!... se alguém o provasse antes mim, talvez me desse valor!

GRAMMA. Isso é uma idéa pueril... se seu primo tivesse a bondade...

JANUARIO. (*Vai levantar-se, Gramma o detem*) Eu?... prove-o o senhor.

RUFINO. Ah! o medico não está no mesmo caso!...

JANUARIO. Primo, suspenda a respiração.

RUFINO. Nada; sem o primo o provar, não o tomo. (*Januario levanta-se*)

GRAMMA. (*Fazendo-o sentar*) Fazia-o decidir.

RUFINO. Agora vejo que o primo não me tem amizade!

JANUARIO. Ao contrario, primo... tenho-lhe muita... e se é preciso absolutamente que eu prove... (*Tomando o copo*) E' repugnante na verdade!

RUFINO. Suspenda a respiração!

JANUARIO. (*Bebe*) Puff! (*Quer entregar o copo*)

RUFINO. Isso não foi nada!... mais uma gota?

JANUARIO. Nada, obrigado! (*Levanta-se*)

RUFINO. Peco-lh'o eu!

JANUARIO. Emfim, vá lá!... Ah! que se não fosse o testamento... (*Bebe*) Ah! (*Entrega o copo a Rufino e foge para a direita*)

RUFINO. (*Seguindo-o*) Não presta?

JANUARIO. Não se póde levar.

RUFINO. Então não o bebo. (*Dá o copo ao doutor*)

GRAMMA. (*Pegando no copo*) Póde beber, Sr. barão, este remedio deve ser superlativo, porque é preparado pelo sabio e nunca assás louvado boticario, o senhor seu primo Mamede. (*Põe o copo sobre a mesa*)

JANUARIO. (*Vindo ao meio*) Que diz? Mamede é um miseravel... um assassino... estou certo que este remedio é composto de cousas más.

RUFINO. Então para que?

JANUARIO. Ainda o pergunta?... para o despachar mais depressa.

RUFINO. Então fiz bem em não o beber.

JANUARIO. (*Apertando a barriga*) Ai!... eu bem disse que elle pôz cousas más no remedio. Ai!... ai!... ai!... (*Passa á direita e senta-se na poltrona*)

GRAMMA. (*A'parte*) Eu já me tinha lembrado d'isto.

RUFINO. (*A'parte*) Ora veremos agora se elle sae ou não!

## SCENA XV

OS MESMOS, e AMELIA.

AMELIA. (*Entrando pelo fundo*) Este passo é improprio: porém manda meu marido...

GRAMMA. (*A Rufino*) Aqui tens a tua princeza.

RUFINO. Oh! queridinha!

AMELIA. Sr. doutor, venho aqui, não por minha vontade; obedeço ás leis de um esposo... e por tanto...

GRAMMA. Oh! manda quem póde!

JANUARIO. (*Soffrendo*) Ai!... ai!... ai!... (*Sae pelo fundo correndo*)

AMELIA. Que é isto?

GRAMMA. Não é nada, não faça caso. (*A Januario, a quem seguiu até o fundo*) No fim do corredor... á esquerda.

AMELIA. (*Examinando Rufino*) Como está bonito com aquelle barrete branco!

GRAMMA. (*Descendo a scena*) Minha senhora, deixo-a com o doente, porque tenho que fazer, e então espero que o trate bem e que lhe faça tudo quanto elle lhe pedir.

AMELIA. Tudo o que estiver ao meu alcance.

GRAMMA. (*Baixo a Rufino*) Faz-lhe muitos protestos, e dispõe-te a andar quanto antes. (*Alto*) Sr. barão!... Minha senhora!... (*Sae pelo fundo*)

## SCENA XVI

AMELIA e RUFINO.

AMELIA. (*Approximando-se de Rufino, que está na cadeira*) Querido Rufino!... (*Senta-se ao pé d'elle*) Como te achas?

RUFINO. Amelia! Oh! querida Amelia! como vai isso? (*Examinando-a*) boa, eim?

AMELIA. Pobre amigo! eu daria dinheiro da minha algibeira, para te ceder metade da minha saude.

RUFINO. Então ainda se lembra do seu Rufino?

AMELIA. Posso dizer-te n'este momento solemne, que o meu coração pertenceu-te sempre em grande parte.

RUFINO. (*Levantando-se bruscamente*) Oh! delicias!

AMELIA. (*Levantando-se*) Que vejo! Será um sonho!... sentes-te melhor?

RUFINO. Estou são como o chafariz do Loreto! e adoro-te de uma maneira analoga!... Eu te contarei tudo.

AMELIA. Estás rico, vivo, forte! e eu casada com outro! Oh! fatalidade!

RUFINO. Anathema!... (*N'outro tom*) Ainda podemos ser felizes.

AMELIA. Quantas vezes deitei cartas para saber o que era feito de ti!...

RUFINO. Oh! mulher d'outra época!... tres vezes salve!... (*Ajoelha-se*)

## SCENA XVII

OS MESMOS, e JACINTHO.

JACINTHO. (*Entreabrindo a porta do fundo. A'parte*) Que vejo! (*Escuta*)

RUFINO. Saberás que quando voltei para Lisboa, estava pobre, e com boas esperanças de ficar pobre toda a minha vida! Ainda ha bem poucos dias estava á esquina da rua para fazer recados!

JACINTHO. (*A'parte*) Ah! é o da mala!

AMELIA. Que! pois este palacio, estes thesouros, esta opulencia...

RUFINO. E' tudo falso!... eu do Brasil não trouxe outros fundos senão os das algibeiras.

JACINTHO. (*A'parte*) Não ha duvida é o que

roubou a mala!... espera ladrão! (*Sae de vagar pelo fundo*)

RUFINO. Graças aos planos do Dr. Gramma, meu collaborador, estou feito proprietario; sabes acnde?

AMELIA. Na India?

RUFINO. No Cartaxo.

AMELIA. Realmente?

RUFINO. E lá poderei ver-te á minha vontade, porque emfim tu não gostas de teu marido.

AMELIA. O pudor impede-me de te confessar que o detesto... porém comprehenderás o meu silencio.

RUFINO. Está dito; e se um dia fores viuva?

AMELIA. Seremos felizes.

RUFINO. Muito felizes.

### SCENA XVIII

Os MESMOS, e GRAMMA.

GRAMMA. (*Entrando pelo fundo*) Basta d'exclamações!... Os primos vêm atraz de mim, mas já está tudo arranjado para nos pômos a andar... o criado está apalavrado... e tu embrulha-te n'um cobertor, e finge-te morto, como se fosses um macaco sabio.

RUFINO. Separar-nos já!

GRAMMA. Depressa! anda depressa! (*Empurra-o para a esquerda*)

RUFINO. Adeos, Amelia! (*Entra no quarto*)

AMELIA. Adeós Rufino!

GRAMMA. A menina ponha o lenço nos olhos, e dê muitos suspiros!

AMELIA. Não tenho outro desejo. (*Senta-se na conversadeira*)

SCENA XIX

GRAMMA, AMELIA, JANUARIO, SERAPIÃO e MAMEDE entram pelo fundo. SERAPIÃO traz a concha.

MAMEDE. A culpa não é minha, repito.

JANUARIO. Sim, o senhor é a causa da minha dôr de barriga!... Ai!... ai!... ai!...

GRAMMA. (*Com o lenço nos olhos*) Hi!... hi!... hi!... hi!...

AMELIA. (*Chorando*) Ah!... ah!... ah!... ah!...

SERAPIÃO. Eim?

MAMEDE. (*Correndo a Amelia*) Minha mulher soluçando!...

JANUARIO. (*Indo a Gramma*) O doutor é um chafariz!...

GRAMMA. (*Chorando*) Ah!... ah!... ah!... ah!...

AMELIA. Oh!... oh!... oh!... oh!...

JANUARIO. Meu Deos!... acaso durante a nossa ausencia...

SERAPIÃO. Teríamos tido a desgraça de...

GRAMMA. Ah!

AMELIA. O pobre Rufino!...

OS TRES. Então...

GRAMMA. Está tudo decidido!

AMELIA. Sua alma desprendeuse da terra!  
Ah!

SERAPIÃO. E eu que lhe trazia a concha!

GRAMMA. (*A'parte*) E' verdade, já me esquecia a prata! (*Agarra nos talheres que Rufino deixou na cadeira, e embrulha-os no lenço que conserva na mão*).

MAMEDE. Um primo tão bom! (*Tira o lenço*)

SERAPIÃO. (*O mesmo*) Tão espirituoso!...

JANUARIO. (*O mesmo*) Tão nobre!...

TÓDOS. (*Chorando*) Ih!... ih!... ih!...  
ih!...

MAMEDE. (*Cessando de chorar*) A fallar a verdade, devíamos esperar por este golpe!

SERAPIÃO. (*O mesmo*) Ao menos já não soffre!

JANUARIO. (*O mesmo*) Sim, mas assim tão de repente... talvez que nem tempo tivesse de fazer as suas disposições!...

GRAMMA. (*Passando para o centro*) Chegou a acabar o seu testamento.

TÓDOS. Ah!

JANUARIO. Entregou-o ao senhor?

GRAMMA. Deixou-o debaixo do travesseiro.

MAMEDE. Debaixo do travesseiro?... Se alguém tivesse a bondade... (*Sobe a scena*)

GRAMMA. Espere... não se incomode... E' um ultimo dever que tenho a cumprir!... Vou buscar-lh'o.

MAMEDE. Obrigado, doutor.

GRAMMA. (*Com voz suffocada*) Os senhores

bem sabem que eu tratava-o sempre de graça!..

SERAPIÃO. (*Chorando*) A meia moeda por visita.

GRAMMA. (*Tirando-lhe a concha, e chorando*) Ah! (*Entra no quarto de Rufino*)

## SCENA XX

AMELIA, MAMEDE, SERAPIÃO, JANUARIO, depois JACINTHO.

SERAPIÃO. Então! elle leva-me a concha?...  
Enfim, vamos saber...

MAMEDE. Estou sobre brazas.

JANUARIO. Deixem-se de cousas; tirem d'ali o sentido... A mim é que elle nomeou seu herdeiro!...

MAMEDE. Ao senhor!

SERAPIÃO. Deixe-se de asneiras.

JANUARIO. E' como lhes digo... E se não estivesse tão indisposto...

AMELIA. (*A' parte*) O que elles merecião sei eu.

JACINTHO. (*Entrando pelo fundo, meio*) Sr. Serapião, perdão, se o interrompo. Ha um século que o procuro!

SERAPIÃO. Ainda tu, galopim!...

JACINTHO. Achei a sua mala, e o ladrão que a bifou!

SERAPIÃO. Onde está esse tratante?

JACINTHO. Está aqui... é o sen primo Rufino.

SERAPIÃO. Vil impostor! atreves-te a dizer que meu primo, o nobre barão...

JACINTHO. Foi elle, eu o juro!... ha dous annos que faz os recados da hospedaria onde eu estou.

TODOS. Dous annos!

JACINTHO. Já sei tudo. Este palacio pertence ao barão do Valle, um rico fidalgo que viaja na Italia.

MAMEDE. Como! Rufino mora aqui com o doutor!...

JACINTHO. O doutor, é um hervanario!... Cypriano, é um criado do barão, e amigo do Gramma, a quem emprestou estes quartos.

JANUARIO. Ai que me sinto peor!

SERAPIÃO. Maroto! não sabes que Rufino expirou haverá dez minutos?

JACINTHO. Morto! elle?... tanto como o senhor... Ainda ha pouco o vi aqui de joelhos aos pés da Sra. Amelia.

MAMEDE. Aos pés de minha mulher!

JACINTHO. E bem vivo! (*Passa á direita*)

MAMEDE. Sra. Amelia, intimo-lhe que desminta esta accusação!

AMELIA. (*Levantando-se*) Não, porque este rapaz disse a verdade. Rufino está vivo e de saude perfeita... quizerão enganar-o, e elle é que enganou aos senhores... E' bem feito! é bem feito! é bem feito!

SERAPIÃO. Ah! malvados!

MAMEDE. Vamos quebrar-lhe os ossos...

SERAPIÃO. Aqui está a minha bengala!

JANUARIO. Ai a minha barriga! (*Vão bater á porta de Rufino*)

## SCENA XXI

Os MESMOS, e CYPRIANO.

CYPRIANO. (*Entrando pelo fundo*) Senhores, senhores, safem-se depressa; meu amo, o Sr. barão do Valle, está ahí... não tarda... eu só o esperava d'aqui a oito dias!

MAMEDE. (*Tomando-o pelo pescoço*) Miseravel... então é verdade que este palacio...

CYPRIANO. Saffem-se depressa... se elle os encontra aqui, serei obrigado a dizer que os senhores são ladrões, e irão para a cadeia.

SERAPIÃO. E os outros que estão n'aquelle quarto?

CYPRIANO. Ha que tempo que fugirão pela outra porta...

SERAPIÃO. E os meus talheres?

MAMEDE. E o meu relógio de repetição?

JANUARIO. E os meus titulos... e as minhas terras?

SERAPIÃO. E a minha concha?

CYPRIANO. (*Que foi ao fundo*) Saffem-se! depressa... depressa... chegam os criados... saião por aquella porta. (*Abre-lhes uma porta á direita, no segundo plano. Fogem precipitadamente*)

JANUARIO. Fica-me marcado, seu patife!...  
(*Sae*)

SCENA XXII

CYPRIANO, GRAMMA, e RUFINO.

GRAMMA. (*Entreabrindo a porta do quarto de Rufino*) Já se forão? (*Entra com os embrulhos e os talheres*)

CYPRIANO. (*A' porta da escada*) Já lá vão pela escada abaixo!

RUFINO. (*Apparecendo*) Póde-se entrar? (*Traz o embrulho e a concha*)

GRAMMA. Está tudo arranjado! Agora, Rufino, para o Cartaxo! (*Sae pelo fundo, mas volta logo.*)

RUFINO. (*Avançando páro o publico e cantando*)

Meus senhores...

GRAMMA. (*Entrando*) Que diabo estás tu a fazer?... Olha que nos podem apanhar!... Isso é inverosimil cantar n'uma ocasião d'estas... além de que... (*Ao publico*) Estes senhores não desconfião de nós. Promette-lhes que para outra vez ha de-se cantar um *couplet final*.

RUFINO. Viva o Cartaxo! (*A Cypriano*) Então, meus cumprimentos ao Sr. barão!

GRAMMA. E á sua augusta familia! (*Sahem a correr pelo fundo*)

FIM.

NOVAS PUBLICAÇÕES DRAMÁTICAS CHEGADAS À LIVRARIA DE  
CRUZ COUTINHO, RUA DE S. JOSÉ N. 75.

- Alvaro da Cunha, ou o Cavalleiro de Alcacerquibir, drama em 5 actos.
- A musical Englishman, cansoneta comica.
- Ai, que tourada!... scena comica.
- Abençoados infortunios, comedia-drama.
- Aventuras do Sr. Ventura, scena comica.
- Amor e honra, drama.
- Afflicções de um perdigoto (as), comedia em 1 acto.
- Ambos sem calças, farça.
- Anna Barraca, comedia em 1 acto.
- A' procura de um pai, scena comica.
- Amores de Cupido (os), scena comica.
- Amor e marmellos, comedia em 1 acto.
- Abel e Caim, comedia-drama em 3 actos.
- Abnegação, drama em 4 actos.
- Alva estrella, drama em 5 actos.
- Amor da patria, drama em 5 actos.
- Amores de Patiro (os), opereta-comica em 1 acto.
- Amores de um marinheiro, comedia em 1 acto.
- Agostinho de Ceuta, drama em 4 actos.
- Antes na provincia, comedia em 3 actos.
- Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto.
- André Gérard, drama em 5 actos.
- Amor e arte, drama em 3 actos.
- Amor proprio mal cabido, comedia em 1 acto.
- Aristocracia e o dinheiro (a), comedia em 3 actos.
- Arrependimento salva (o), drama em 1 acto.
- Brasileiras (as), comedia-drama em 3 actos.

- Baptizado (o), comedia em 1 acto.  
Beijinho das creadas (o), comedia em 1 acto.  
Banhos das Caldas (os), comedia em 2 actos.  
Corá ou a escravatura, drama em 5 actos.  
Cada louco com sua mania, comedia em 1 acto.  
Contos do tio João (os), comedia em 1 acto.  
Coração de ferro, drama em 5 actos.  
Collegial endiabrado (o), comedia em 1 acto.  
Costureira (a), comedia em 1 acto.  
Convivo o coronel, comedia em 1 acto.  
Casamento do filho do vaqueiro (o), comedia em 1 acto.  
Como se descobrem... mazellas, comedia em 1 acto.  
Criada diplomata (a), comedia em 1 acto.  
Capitão Bitterlin (o), comedia em 1 acto.  
Consequencias do carnaval, comedia em 1 acto.  
Colono (o), comedia-drama em 3 actos.  
Casamento e despacho, comedia em 3 actos.  
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos.  
Chale de cachemira (o), comedia em 1 acto.  
Conversão d'um agiota (a), comedia em 2 actos.  
Carlos ou a familia do avarento, comedia em 4 actos.  
Cruz (a), drama em 5 actos.  
Camões do Rocio (o), comedia em 3 actos.  
Consequencias do carnaval, comedia em 1 acto.  
Çabelleireiro Leonardo (o), comedia em 3 actos.  
Cantor improvisado (o), comedia em 2 actos.  
Compadre Suzano (o), comedia.  
Contos do tio João (os), comedia em 1 acto.  
Casar para não morrer, comedia em 1 acto.